

Lutas por e nos territórios: manifestações dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais rurais no Brasil nos anos de 2020 e 2021 a partir da metodologia da Rede DATALUTA



Joana Tereza Vaz de Moura

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.
ORCID: 0000-0001-9561-1063

Rubens dos Santos Romão Souza

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Brasília, Brasil.
ORCID: 0000-0001-9847-0876

Fernando Freitas de Almeida

Instituto Federal do Espírito Santo. Colatina, Espírito Santo, Brasil.
ORCID: 0000-0001-7004-8411

Conceição Coutinho Melo

Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Brasília, Brasil.
ORCID: 0000-0001-7758-3345

Recibido: 15 de abril de 2024. Aceptado: 26 de noviembre de 2024.

Resumo

Os anos entre 2019 e 2022 foram marcados por um governo nacional conservador no Brasil, que impulsionou os setores de extrema direita, especialmente no campo. As estratégias de mobilização social foram reconfiguradas nas disputas em torno de modelos alternativos de desenvolvimento rural. O artigo tem como objetivo principal compreender as ações dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais nesta conjuntura e os repertórios utilizados para a defesa e produção de espaços e territórios. A partir do banco de dados da Rede DATALUTA, fizemos análises das ações desses sujeitos nos anos de 2020 e 2021, com base nas tipologias das ações relacionadas a manifestações e protestos. Para este período, foram registradas cerca de 100 mobilizações, com os principais repertórios: protestos, bloqueio de vias, ocupações de prédios públicos, marchas e outros. Como principais resultados, observamos que o MST foi o movimento que mais atuou, com grande repercussão nacional. Apesar da diminuição das ocupações de terra, ação tradicional desde as origens do MST, outros repertórios foram acionados, como os protestos contra despejos e abusos de poder, sinalizando que os movimentos se reinventam em contextos adversos à participação.

PALAVRAS-CHAVE: MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS. MOVIMENTOS SOCIOESPACIAIS. MOBILIZAÇÕES. TERRITORIALIDADES. REDE DATALUTA.

Struggles for and within territories: expressions of rural socio-spatial and socio-territorial movements in Brazil in 2020 and 2021 based on the DATALUTA Network methodology

Abstract

The years between 2019 and 2022 have been framed by a conservative national government in Brazil, which has boosted sectors of the extreme right, especially in the countryside. The strategies of social mobilization were reconfigured in the disputes around alternative models of rural development. This article has as main objective to understand the actions of socio-spatial and socio-territorial movements in this situation and the repertoires used in defense and production of spaces and territories. Using the DATALUTA Network database, we analyzed the actions of these collective subjects in the years 2020 and 2021, based on the type of actions related to manifestations and protests. For this period, around 100 mobilizations were registered, with the main repertoires: protests, roadblocks, occupations of public buildings, marches and others. As main results, we observed that the MST was the movement that acted the most, with great national repercussion. Despite the decrease in land occupations, a traditional action since the origins of the MST, other repertoires were activated, such as protests against evictions and abuses of power, signaling that movements reinvent themselves in contexts that are adverse to participation.

KEYWORDS: SOCIO-TERRITORIAL MOVEMENTS. SOCIO SPATIAL MOVEMENTS. MOBILIZATIONS. TERRITORIALITIES. DATALUTA NETWORK.

Luchas por y en los territorios: manifestaciones de los movimientos socioespaciales y socioterritoriales rurales en Brasil en los años 2020 y 2021 a partir de la metodología de la Red DATALUTA

Resumen

Los años entre 2019 y 2022 fueron enmarcados por un gobierno nacional conservador en Brasil, que ha impulsado a los sectores de extrema derecha, especialmente en el campo. Las estrategias de movilización social fueron reconfiguradas en las disputas alrededor de modelos alternativos de desarrollo rural. El principal objetivo del artículo es comprender las acciones de los movimientos socioespaciales y socioterritoriales en esta situación y los repertorios utilizados para la defensa y producción de espacios y territorios. A partir del banco de datos de la Red DATALUTA, hicimos el análisis de acciones de estos sujetos colectivos en los años del 2020 y el 2021, con base en la tipología de acciones relacionadas a las manifestaciones y protestas. Para este periodo fueron registradas alrededor de 100 movilizaciones, con los principales repertorios: protestas, corte de rutas, ocupaciones de edificios públicos, marchas y otros. Como principales resultados observamos que el MST fue el movimiento más activo, con mucha repercusión nacional. A pesar de la reducción de las ocupaciones de tierras, acción tradicional desde los orígenes del MST, se activaron otros repertorios, como protestas contra los desalojos y abusos del poder, señalando que los movimientos se reinventan en contextos adversos a la participación.

PALABRAS CLAVE: MOVIMIENTOS SOCIOTERRITORIALES. MOVIMIENTOS SOCIOESPACIALES. MOBILIZACIONES. TERRITORIALIDADES. RED DATALUTA.

Introdução

Nos últimos anos, o Brasil vivenciou algumas crises: sanitária (COVID-19), política (avanço da extrema direita), econômica (diminuição da renda das famílias e adiamentos de investimentos) e social (aumento da pobreza). No que tange ao contexto político, especialmente com a vitória de Jair Messias Bolsonaro (eleito pelo Partido Social Liberal - PSL e atualmente no Partido Liberal - PL), em 2018, com o início de seu governo, em janeiro de 2019, diversos setores conservadores se manifestaram contra as políticas públicas, especialmente aquelas relacionadas à questão de gênero, raça e direitos humanos.

Fernandes *et al.* (2020) apontam que, no primeiro ano do governo Bolsonaro, houve a maior retração da reforma agrária desde 1985, com a criação de apenas 3 assentamentos. Houve também cortes de investimentos em políticas estratégicas para o desenvolvimento e diminuição da fome e da pobreza, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). O governo utilizou a violência institucional para ameaçar e despejar famílias dos seus territórios e atacar os movimentos sociais do campo.

De acordo com Campos (2023), esse processo mostrou uma configuração “desdemocratizante” dessas políticas combinada com o desmonte das instâncias participativas. Moura, Almeida e Martins (2024) destacam esse período como um momento de radicalização do conservadorismo no campo, em que diversas ações violentas foram exercidas pelo aparato estatal. Segundo Medeiros (2022), a intensificação das disputas no campo tem relação com a reorganização e redesenho das políticas e com “o progressivo desmantelamento da institucionalidade anteriormente criada e só aparentemente consolidada, trazendo à tona forças sociais e concepções de rural que pareciam estar superadas” (Medeiros, 2022:1).

Conforme destacam os dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT, 2022), os conflitos e a violência no campo têm sido crescentes nos últimos 10 anos e vêm aumentando sistematicamente desde 2016, ano do *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, da extinção do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e do aumento mais efetivo do avanço do desmatamento, sobretudo na Amazônia. Vinculada a todas essas questões, tem-se, portanto, as expressões mais violentas de atuações no campo. Os dados da CPT (2021) mostram 1.576 ocorrências de conflitos por terra no país, em 2020, e 1.242 em 2021.

Como parte de um projeto político conservador e apoiado pelo agronegócio, o incentivo aos avanços do (neo)extrativismo tornou-se o eixo central de ação nos territórios rurais, implicando no processo de desterritorialização de diversos sujeitos (camponeses, quilombolas, indígenas, ribeirinhos, etc.). Mediante esses processos, os movimentos socioterritoriais e socioespaciais tiveram que se reorganizar numa tentativa de criar estratégias de enfrentamento e resistência, principalmente, “pela crescente dificuldade de diálogo com o Estado, de reconhecimento de suas demandas e em mobilizar suas bases” (Medeiros, 2022:2).

Neste contexto, o artigo busca compreender as ações e repertórios utilizados pelos movimentos socioespaciais e socioterritoriais rurais no período de 2020-2021, a fim de

Lutas por e nos territórios: manifestações dos...
JOANA TEREZA VAZ DE MOURA ET AL.

resistir e garantir a permanência em seus territórios. O recorte temporal foi uma opção metodológica por coincidir com a pesquisa “Movimentos Sociais em Perspectiva Comparada” financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior (Capes) desde sua linha de incentivo do Programa Institucional de Internacionalização (Print) em convênio com a Universidade Estadual Paulista (Unesp). Utilizamos como fonte primária o espaço agrário¹ do banco de dados da Rede DATALUTA - Rede Brasileira de Pesquisas das Lutas por Espaços e Territórios, no qual foram informatizados os dados de 2020 e 2021.

Discussões e reflexões sobre os movimentos socioterritoriais e socioespaciais, conflitos e luta pela terra são mobilizados neste artigo a fim de possibilitar uma leitura crítica das ações dos movimentos. Para tanto, partimos de uma leitura dos movimentos sociais a partir da perspectiva geográfica, entendendo-os como movimentos socioterritoriais e/ou movimentos socioespaciais (Fernandes, 2005). Conforme destaca Fernandes (2023), o espaço é conformado por relações sociais onde as manifestações acontecem. Assim, “os movimentos socioespaciais se manifestam por meio de mediações e produzem seus espaços” (Fernandes, 2023:01), ou seja, à medida que esses movimentos buscam mediar o espaço, tratam-se de movimentos socioespaciais. Ao se apropriarem desse espaço, o transformam em território. Portanto, os movimentos socioterritoriais têm o território como eixo central de reconhecimento (Fernandes, 2005) e “representam a defesa da vida e a esperança de outros mundos possíveis” (Escobar, 2014:15).

Na primeira parte do artigo, apresentamos a metodologia da Rede DATALUTA para a pesquisa “Movimentos Socioterritoriais em Perspectiva Comparada”, cujos dados foram utilizados no presente trabalho. Na segunda, analisamos e discutimos as ações dos movimentos socioterritoriais rurais nos anos de 2020 e 2021 e, por fim, trazemos algumas considerações finais.

Metodologia de pesquisa

Nós fazemos parte da Rede DATALUTA- Rede de Pesquisa das Lutas por Espaços e Territórios, que iniciou suas atividades em meados de 1998, buscando contribuir com o debate sobre a questão agrária brasileira. Trabalhando com dados fundiários e de conflitos agrários, a rede elabora relatórios anuais que ajudam na compreensão dos fenômenos agrários no Brasil.

Em 2019, houve uma reestruturação na pesquisa, e decidiu-se analisar as ações coletivas (em suas variadas formas: protestos, ocupações de terra, marchas, etc.) dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais para os diferentes espaços: agrário, água, urbano e floresta. Cada espaço possui uma equipe de investigadores que trabalha no levantamento e na sistematização de notícias sobre as ações coletivas realizadas pelos movimentos socioespaciais e socioterritoriais, partindo de uma metodologia comum a toda a Rede DATALUTA, baseada em: levantamento de notícias com Google Alerts², arquivamento

1. Além do Brasil, estão envolvidos mais 12 países da América Latina e Caribe (Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, México, Paraguai, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai), Estados Unidos da América, Reino Unido e Canadá.

2. O Google Alerts é um serviço digital de monitoramento e produção de relatórios oferecido gratuitamente pela Google. Para utilizar tal serviço, foi necessário a criação de um e-mail “@gmail.com”, utilizado em nossa

Lutas por e nos territórios: manifestações dos...
JOANA TEREZA VAZ DE MOURA ET AL.

no Google Drive, registro das informações na plataforma JotForm e sistematização em planilhas digitais, para posterior elaboração de produtos gráficos de síntese. Nosso recorte temporal (2020 e 2021) se deu pela disponibilidade de informações no banco de dados nesse período, e optamos por analisar os dados somente do espaço agrário, pela temática que escolhemos para este artigo.

A partir das centenas de notícias que chegam ao e-mail de cada espaço, a respectiva equipe realiza a seleção das mesmas, identificando: a localização da ação (município brasileiro); o protagonismo por ou em conjunto com movimentos agrários constituídos; e a data em que a ação ocorreu. A Rede DATALUTA debate teoricamente e, também com base em trabalhos de campo, elabora um glossário com as definições para cada ação que é encontrada nas notícias. Elaboramos também uma matriz de classificação das ações, que se dividem em Matriz e Derivada (formas em que as ações são realizadas). Ambos os documentos passam por revisões periódicas.

Segundo Fernandes e Sobreiro Filho (2023):

[...] as ações matrizes estão associadas às dimensões dos espaços e/ou territórios, como dimensão econômica, política, cultural, ambiental e social; as ações derivadas estão associadas aos desdobramentos dessas dimensões, como produção, lutas, disputas, educação, saúde, músicas, literatura, eventos, políticas públicas, manifestações, ocupações, negociações, etc. (Fernandes e Sobreiro Filho, 2023:350)

As Ações Matrizes e Derivadas são entendidas em nosso estudo como as formas das ações, e seu conteúdo é identificado a partir das pautas, demandas, proposições e reivindicações dos movimentos. Depois dos registros no JotForm, os pesquisadores geram e analisam um relatório para articular com os referenciais teóricos. Vale destacar que essa pesquisa agregou em sua análise a vinculação de cada ação encontrada a um ou mais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Para este artigo, analisamos somente as ações relacionadas à ação matriz manifestação. Esta envolve as seguintes ações derivadas:

i) acampamento: estabelecer acampamento em frente a empresas, órgãos públicos ou outras instituições a fim de protestar contra algo ou pressionar para que alguma medida seja tomada;

ii) bloqueio de vias: bloquear vias e impedir o tráfego de pessoas e automóveis, para chamar a atenção para determinada ação sofrida ou reivindicatória no território;

pesquisa. O monitoramento ocorre por meio do cadastramento das palavras-chave, definidas coletivamente pela equipe a partir de suas experiências acadêmicas, referenciais bibliográficos e militância política em conjunto com os movimentos socioespaciais e socioterritoriais agrários. Atualmente contamos com 89 palavras-chave para os 4 espaços da Rede. Temos compreensão de que a forma como os veículos de notícias interpretam os fatos pode ser corrompida pela ideologia dos editoriais. A análise das informações que coletamos é feita posteriormente pelos pesquisadores nos relatórios, problematizando a informação coletada e com base na quantidade e formas das ações realizadas, além de outros critérios estabelecidos para toda a rede. O uso do Google Alerts por um lado é uma limitação no sentido de não termos total controle sobre o algoritmo utilizado, porém seu uso proporciona um mapeamento de notícias em velocidade e volume superior à forma como era realizada no início da Rede DATALUTA, através de recortes de revistas e jornais impressos, os quais de igual forma poderiam também estar com informações enviesadas pelos editoriais.

Lutas por e nos territórios: manifestações dos...
JOANA TEREZA VAZ DE MOURA ET AL.

iii) jornadas de lutas: organizar jornadas de lutas com outras instituições que envolvem uma temática específica prevista em um calendário de lutas, como, por exemplo: Abril Vermelho e Jornada Janeiro Marrom;

iv) manifestação presencial: realizar protestos a favor ou contra determinadas causas, tais como protestos contra a derrubada de árvores e mineração ou mesmo em apoio aos atingidos pelo avanço do capital;

v) marcha: realizar marchas, percorrendo alguns trajetos, tais como rodovias e ruas;

vi) ocupação de canteiro de obras, linhas férreas, prédios públicos ou privados; e

vii) vigílias: ação de luta e/ou resistência dos movimentos para chamar a atenção para determinada causa de impacto/intervenção nos territórios, tal como o despejo.

Após o mapeamento dessas ações, apresentamos alguns exemplos de manifestações realizadas pelos movimentos para o período analisado, os principais movimentos envolvidos e a espacialização dessas ações no Brasil.

Luta pela terra e ações dos movimentos socioterritoriais agrários no Brasil em 2020 e 2021: as manifestações em perspectiva analítica

A luta pela terra e pelos territórios no Brasil envolve disputas e conflitos, resultantes da estrutura fundiária marcada pela grande concentração de terras no país. Podemos elencar algumas causas, como a transferência de riquezas da época colonial para a metrópole (Portugal), o trabalho escravo como forma de acumulação de riqueza, a distribuição de terras que proporcionou a concentração fundiária, entre outras. Essa conformação histórica do espaço rural se traduziu na produção de diferentes territórios e espaços que se reproduzem em cenários de conflito permanente, onde diversos sujeitos buscaram se organizar e reivindicar seus direitos. Neste contexto, os movimentos sociais, como o MST, por exemplo, se constituíram como sujeitos centrais no campo na luta pela terra e pela reconfiguração do espaço rural, tendo o território como aspecto central da luta, portanto compreendidos neste artigo como movimentos socioterritoriais (Fernandes, 2005).

Evidenciamos que os movimentos socioterritoriais “surgem por meio de tentativas de se apropriar do espaço — por meio de processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (TDR) na realização de objetivos estratégicos de existência” (Halvorsen, Fernandes e Torres, 2021:27). Portanto, esses movimentos disputam com setores do agronegócio e de empresas capitalistas modelos de desenvolvimento para o campo, muitas vezes com o aval do Estado, num processo violento e desigual. Esse processo, que sempre ocorreu, se intensificou no período pós -golpe de 2016 no Brasil, com a entrada de Michel Temer como presidente do país, mobilizando setores de direita e numa ofensiva contra os movimentos e demais setores organizados da sociedade. Conforme destacou Medeiros (2020:503), nesse período, uma nova direção das políticas agrárias foi tomada, com reformulações institucionais profundas que minaram

Lutas por e nos territórios: manifestações dos...
JOANA TEREZA VAZ DE MOURA ET AL.

o arcabouço institucional que vinha sendo construído desde o final dos anos 1990. Os anos que se seguiram foram de profundos desmontes e que foram se agravando com as eleições de 2019, quando Jair Bolsonaro assumiu o poder. O governo Bolsonaro foi caracterizado por Fernandes *et al.* (2020) como um governo de ultradireita, que defendeu abertamente o uso de armas contra o campesinato, indígenas e quilombolas.

Os anos de 2020 e 2021, em específico, foram marcados pela crise sanitária global do COVID-19. No caso do Brasil, a situação foi agravada pela crise política vivenciada no período com o avanço do conservadorismo e a ineficiência do Estado em subsidiar políticas emergenciais. Diante desse quadro, os movimentos socioterritoriais e socioespaciais, que sempre atuaram dentro da perspectiva da solidariedade, buscaram se articular de modo a garantir a sobrevivência das famílias que estavam abandonadas pelo poder público. Em grandes atos solidários, os movimentos camponeses, como o MST, sendo impossibilitados pela pandemia de venderem seus produtos nas feiras, resolveram fazer doações para esses grupos vulneráveis da sociedade brasileira, num sentido de protesto contra a fome no país. Essas se tornaram as grandes ações dos movimentos socioterritoriais. Entretanto, os movimentos tiveram que se defender diante de tentativas de processos de desterritorialização e de pautas conservadoras sendo votadas no Legislativo.

Para isso, criaram formas de protestos virtuais, principalmente a partir de março de 2020, pois também tiveram que ficar isolados no contexto pandêmico. Mesmo com o isolamento social, em alguns momentos, foi necessário reativar protestos presenciais e bloqueios territoriais para chamar a atenção dos governos e da sociedade em geral. Nosso banco de dados captou diversas dessas ações e, ao explorar as notícias, também identificamos as narrativas utilizadas pelos militantes publicadas nas notícias capturadas, que também podem ser compreendidas como contra-narrativas ou narrativas de resistência (McKenzie-Mohr e Lafrance, 2017). Nas próximas seções, iremos apresentar uma síntese das informações coletadas sobre as manifestações realizadas pelos movimentos socioterritoriais nos anos de 2020 e 2021.

Ações dos movimentos socioterritoriais do campo no Brasil em 2020

Para o ano de 2020, registramos 36 ações relacionadas às manifestações: 14 manifestações/protestos presenciais; 9 bloqueios de vias; 6 ocupações de prédios públicos; 3 marchas; 2 vigílias; 1 ocupação de linha férrea e 1 acampamento. Essas manifestações contam com o apoio de diversos movimentos, sendo os que mais se destacaram o MST e a FNL, conforme indicado no Quadro 1.

Quadro 1. Manifestação dos Movimentos socioterritoriais e socioespaciais- 2020. Fonte: Banco de Dados das Lutas por Espaços e Territórios - DATALUTA (2020). Elaboração própria.

Manifestação	Nome dos Movimentos Socioterritoriais e Socioespaciais
Acampamento	MST
Bloqueio de vias	MST; FNL; CPT; MLST; Associação das Famílias dos Produtores Rurais da Gleba Buriti
Marcha	CPT; FNL; MST

Lutas por e nos territórios: manifestações dos...
 JOANA TEREZA VAZ DE MOURA ET AL.

Manifestação presencial (protestos)	FNL; MST; 8M Greve Internacional de Mulheres; MPA; Marcha Mundial de Mulheres; Levante Popular da Juventude; LCP; Movimento das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB); O Coletivo de Mulheres Trabalhadoras Rurais; Coletivo Nós; Coletivo de Mulheres Rosas Vermelhas; União Nacional por Moradia Popular; Movimento Alvorada do Povo
Ocupação de Linha Férrea	Associação das Famílias dos Produtores Rurais da Gleba Burity
Ocupação de Prédio Público	MST; Fóruns e Redes de Defesa de Anajatuba; Fórum de Redes e Cidadania
Vigília	MST

O Quadro 1 demonstra a presença de movimentos socioterritoriais e socioespaciais em engajamentos massivos nas manifestações presenciais. Destacamos os movimentos de mulheres que tomaram para si o protagonismo das manifestações; cabe ressaltar que março é mês tradicional da luta feminista, e que, apesar de ter coincidido com o começo da pandemia, até meados do mês havia atos presenciais. O MST está presente nos mais diversos tipos de ações, por ser um movimento que disputa território e espaço. A visualização espacial pode ser verificada na Figura 1.

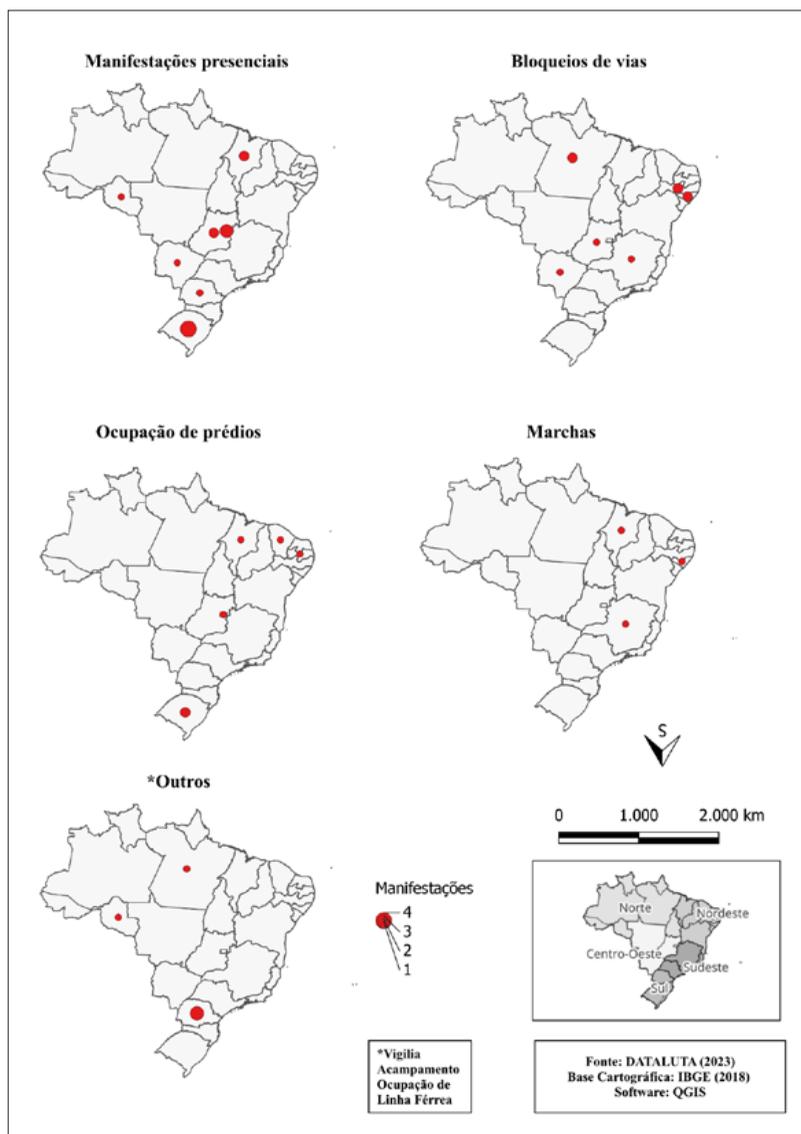


Figura 1. Brasil - Tipologia das manifestações do campo - número de manifestações - 2020. Fonte: Banco de Dados das Lutas por Espaços e Territórios DATALUTA (2023). Elaboração própria.

Lutas por e nos territórios: manifestações dos...
JOANA TEREZA VAZ DE MOURA ET AL.

Notamos que a maioria das manifestações aconteceu nas regiões Centro-Oeste- palco tradicional de exploração capitalista da produção e base do agronegócio brasileiro — e Sul — espaço histórico de articulação dos movimentos socioterritoriais e socioespaciais que lutam por terra. O MST e a FNL foram os movimentos que mais se articularam nesse período. De qualquer forma, observamos manifestações em todas as regiões do país, fundamentadas pela expansão da produção monopolista de *commodities*, pelo avanço da grilagem³, da especulação imobiliária e dos ataques do Estado e do agronegócio.

Dentre as ações caracterizadas como Manifestação presencial, em 2020, destacamos um protesto realizado em Mato Grosso do Sul por trabalhadores ligados à Frente Nacional de Luta (FNL) para a retomada da reforma agrária no estado. Segundo uma das representantes da Frente, há anos os governos não priorizam a redistribuição de terras. Isso gerou indignação por parte dos movimentos (Campo Grande News, 2020). Percebemos que a questão agrária continua sendo uma problemática a ser resolvida no país e que os movimentos têm buscado diversas formas de ação para pressionar o poder público. Nesse caso, em específico, o FNL protestou em frente à sede regional do Ministério Público Federal (MPF), como parte da estratégia de garantir um direito assegurado pela Constituição Federal de 1988.

Ainda no Centro-Oeste, destacamos a manifestação realizada por militantes do MST em Goiás, no assentamento Oziel Alves. Os camponeses buscavam resistir às ameaças de despejo protagonizadas pela Polícia Militar. Os despejos foram um dos motivos centrais para as lutas no campo nos anos de 2020 e 2021, uma vez que diversos governos estaduais aproveitaram a pandemia e o apoio do Governo Federal para avançarem nos processos de desterritorialização. A perda de uma parte do território (nesse caso, a terra) pelos camponeses reflete numa perda territorial como um todo: das relações sociais que ali se estabelecem em suas múltiplas escalas e dimensões. Conforme destaca Fernandes (2013), “o conceito de território não deve ser pensado como uno, mas sim como totalidade, a partir de suas múltiplas escalas e dimensões; que a terra é a base do território [...] constitui-se em fração do território que é disputada por distintos interesses das classes sociais” (Fernandes, 2013:48). Verificamos que as manifestações são constantes por apropriação e resistência nos territórios camponeses em todas as regiões do país.

A região Sul também apresentou diversos protestos. Em um deles, agricultores familiares e movimentos camponeses reivindicaram a atuação do governador do estado para dar maior assistência às famílias no contexto da pandemia. Segundo uma liderança do MST, diante de um quadro de estiagem, o meio rural ficou totalmente desassistido: “A estiagem aprofundou ainda mais a situação desesperadora de milhares de agricultores familiares e assentados. Nossa luta é cobrar e propor que o governo do RS atenda a pauta para minimizar os estragos” (Sul21, 2020). Essa narrativa configura-se como resistência, pois busca sensibilizar a sociedade e chamar a atenção para uma mudança emancipatória necessária (McKenzie-Mohr e Lafrance, 2017).

Com relação aos bloqueios de vias, estratégia bastante utilizada pelos movimentos do campo, contabilizamos nove ações com maior preponderância nas regiões Nordeste

3. Grilagem refere-se a falsificação de documentos; a origem da palavra diz respeito à forma antiga de envelhecimento de papel, que se utilizava de grilos numa caixa e seus excrementos davam um tom amarelado.

Lutas por e nos territórios: manifestações dos...
JOANA TEREZA VAZ DE MOURA ET AL.

(04). Nas regiões Norte e Centro-Oeste foram registradas duas ações cada. Na região Sudeste, somente 01 ação e, na região Sul, nenhuma.

No Nordeste, em Recife (PE), trabalhadores do campo assistidos pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), pela Federação dos Trabalhadores Rurais e Agricultores e Agricultoras Familiares de Pernambuco (FETAPE) e pela Arquidiocese de Olinda e Recife, bloquearam uma rodovia para pedir a regularização de suas terras, que vivem ameaçadas por empresas dos ramos imobiliário, sucroalcooleiro e pecuarista (Brasil de Fato, 2020a). O avanço do capitalismo no campo se mostrou presente nessa dinâmica, inclusive, em muitos casos, contando com empresas de capital internacional conduzindo esses processos conceituados como estrangeirização de terras (Fernandes, 2019; Pereira, 2021).

Destacamos, ainda, o bloqueio de uma rodovia federal por trabalhadores rurais ligados à FNL pautando a reforma agrária e buscando “cobrar do Governo Federal e Estadual [Alagoas] o compromisso com as questões sociais do campo e da cidade” (G1, 2020a). No mesmo período, manifestantes da FNL também bloquearam uma rodovia federal, em Mato Grosso do Sul. Esse tipo de manifestação faz parte de uma jornada de lutas do movimento, conforme destaca uma de suas lideranças: “Nesta semana, estamos com a jornada de luta, uma mobilização nacional [...] as famílias continuam na beira da estrada sem assistência governamental nenhuma” (Campo Grande News, 2020).

O único registro de bloqueio na região Sudeste aconteceu em Minas Gerais, na rodovia BR 116. Nesta manifestação, os protestantes exigiam o cumprimento da ordem judicial para reintegração da posse em área ocupada por famílias do MST no Quilombo Campo Grande (G1, 2020b).

Para a ação denominada Ocupação de Prédios Públicos, contabilizamos seis ações distribuídas, em sua maioria, na região Nordeste (CE, MA e PB), seguido pelo Centro-Oeste (Distrito Federal) e região Sul (RS).

No Maranhão, camponeses ligados ao movimento denominado Fóruns e Redes de Defesa de Anajatuba ocuparam o prédio do Fórum da Comarca do município de Anajatuba para protestar contra as ameaças feitas a lideranças quilombolas por latifundiários da região (A Nova Democracia, 2020b). Os manifestantes entoaram músicas de protesto a fim de chamar a atenção dos juízes e da sociedade. Isso mostra que a “cultura consiste em itens discretos e mensuráveis, como crenças ou rituais, mas também é um filtro através do qual todas as ações ocorrem [...]” (Jasper, 1997:xi), além de ser decisiva para essa escolha das táticas utilizadas pelos movimentos. Nesse caso, as músicas teriam um efeito importante na sensibilização de determinados atores, conforme a análise feita pelos movimentos.

Com relação aos três registros sobre as Marchas, duas ações foram localizadas no Nordeste (Alagoas e Maranhão). Destacamos a caminhada realizada no centro de Maceió, por trabalhadores rurais em defesa das reformas agrária e urbana, organizada pela FNL, como pauta das mobilizações nacionais no mês de setembro. Uma das narrativas utilizadas por um dos representantes da Frente refere-se à necessidade de repensar o papel da Independência do país, comemorada a cada dia sete de setembro, num contexto de subserviência ao grande capital, que explora e desterritorializa populações do campo e da cidade:

Lutas por e nos territórios: manifestações dos...
JOANA TEREZA VAZ DE MOURA ET AL.

Esse é o mês da Independência. Estamos dando continuidade à Jornada Nacional, que começou no dia 4 de setembro em todo Brasil. Queremos cobrar dos governos estaduais e do governo federal para que se tenha mais compromisso com a reforma agrária e urbana e com as questões sociais em geral (G1, 2020c).

A marcha que aconteceu em Minas Gerais refere-se à tradicional Romaria das Águas e da Terra da Diocese de Almenara, com o tema: Terra e Água, santuários de vida; e o lema: Jequitinhonha: ver, sentir e cuidar. Contando com a participação de diversos movimentos de camponeses e quilombolas, nesse ano os participantes fizeram denúncias contra a extração mineradora.

As duas vigílias que foram noticiadas aconteceram no estado do Paraná, nos meses de janeiro e fevereiro. Destacamos a vigília realizada pelo MST, em um acampamento no município de Cascavel, que sofria ameaças de despejo desde 2019 (Brasil de Fato, 2020b). Na tentativa de publicizar a demanda do acampamento, os moradores colocaram faixas e bandeiras às margens da rodovia como estratégia para mostrar à sociedade, através da doação dos alimentos, que existe produção no espaço, sem utilização de agrotóxicos.

Ocupações de linha férrea foram registradas no estado do Pará, em dois momentos. Uma das ocupações foi em um trecho da linha ferroviária que transporta o minério de ferro extraído na região. Os camponeses, integrantes Associação das Famílias dos Produtores Rurais da Gleba Buriti, pediam que a empresa Vale agilizasse os processos indenizatórios em favor das famílias que possuem terras no Parque Nacional dos Campos Ferruginosos (Brasil de Fato, 2020c). Os manifestantes contestam as narrativas da Vale de que haveria um consenso com relação a indenização, utilizando uma contra-narrativa:

A gente está numa situação precária há muitos anos, na luta, sofrendo, pelejando. A Vale dá as costas e mantém silêncio. A parte técnica está pronta, só falta ela ir lá assinar. A parte do ICMBio está toda organizada e ela não comparece. Isso cansa a gente. Criaram o parque bruscamente e sem conhecer a situação da comunidade (idem).

Trata-se, nesse caso, da exploração de minérios por parte de uma grande empresa capitalista que desterritorializa populações, num processo de intensa apropriação dos recursos naturais denominado de extrativismo ou neoextrativismo. Segundo Acosta (2014), “as comunidades em cujos territórios ou arredores são realizadas essas atividades sofreram e sofrem os efeitos de uma série de dificuldades socioambientais derivadas desse tipo de explorações” (Acosta, 2014:61). Os protestos e mobilizações são recursos utilizados pelos camponeses para demandar alternativas ao desenvolvimento capitalista. Nos mesmos moldes desse processo, observamos o registro de um acampamento em Rondônia, organizado pela Associação Gleba do Buriti. Depois da desterritorialização pela Vale, os agricultores cobram da empresa o cumprimento do acordo firmado para explorar ferro na região.

Esses processos mostram, resumidamente, um panorama de lutas e resistências no ano de 2020 que foi sendo intensificado em 2021, conforme mostramos no item seguinte.

Lutas por e nos territórios: manifestações dos...
JOANA TEREZA VAZ DE MOURA ET AL.

Ações dos movimentos socioterritoriais do campo no Brasil em 2021

No ano de 2021, tivemos 65 manifestações: 42 manifestações presenciais; 08 bloqueios de via; 07 marchas; 02 ocupações de prédio público; 02 jornadas de lutas; 02 acampamentos; 01 vigília e 01 ocupação de prédio privado. Essas ações contam com o apoio de diversos movimentos, sendo que os que mais se destacaram foram o MST e a FNL, conforme indicado no Quadro 2.

Quadro 2. Ações Coletivas de Manifestação dos Movimentos socioterritoriais e socioespaciais- 2021.
Fonte: Banco de Dados das Lutas por Espaços e Territórios DATALUTA (2021). Elaboração própria.

Ações Coletivas de Manifestação	Nome dos Movimentos Socioterritoriais e Socioespaciais
Acampamento	Frente Nacional de Luta Campo e Cidade (FNL); Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ); Movimento Bem Viver; CSP Conlutas; Unidade Popular, Movimento Negro Unificado (MNU); União Nacional dos Estudantes (UNE)
Bloqueio de vias	MST; Associação de Pescadores e Ilheiros da Pedra Corrida
Jornada de Luta	MTST; Frente Povo sem Medo, Campanha Nacional Fora Bolsonaro; MPA; MST; Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAG); Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Teutônia
Marcha	MMM; CMP; Movimento Acredito; Coalizão Negra por Direitos; Direitos Já; União Nacional dos Estudantes (UNE); MTST; Coletivo de Estudantes Quilombolas da Ufopa; FNL; MAB; Movimento Não Cava; MST
Manifestação presencial (protestos)	MST; Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Canaã dos Carajás; Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Eldorado dos Carajás; Liga dos Camponeses Pobres do Sul e Sudeste do Pará; Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (Fetraf); LCP; FNL; CMP; Coordenação Nacional de Entidades Negras Brasil; União da Juventude Socialista; União Nacional dos Estudantes; Sempre Viva Organização Feminista; Levante Popular da Juventude; Movimento Asterras; CPT; Movimento Nacional de Luta pela Moradia; Conselho Indigenista Missionário; MAM; FNL; Movimento da Luta pela Terra (MLT); Frente Fora Bolsonaro; Unidade Vermelha - Liga da Juventude Revolucionária (UV-LJR); MAB; Associação dos Pequenos Agricultores Unidos do PA Bela Vista; Frente Brasil Popular; Frente Povo Sem Medo; Movimento Feminino Popular (MFP); Via Campesina
Ocupação de Prédio Público	MST; FNL
Ocupação de prédio privado	MST
Vigília	MST

O Quadro 2 mostra que, assim como em 2021, as manifestações presenciais foram constantes e espalhadas por todo o país e contando com a participação de movimentos mais consolidados e que atuam nacionalmente, como o MST, o MAB e a Via Campesina, mas também envolvendo outros movimentos menores e/ou regionalizados, como os sindicatos rurais e associações de agricultores. A visualização espacial pode ser verificada na Prancha 02.

Conforme observado na Figura 2, há a retomada de manifestações presenciais e marchas, sobretudo pelo avanço na vacinação contra a COVID-19. No Distrito Federal, neste período, as ações voltam a ser mais recorrentes, pela centralidade do poder. Consideramos que bloqueios de vias e ocupação de prédios também tiveram importante relevância nas estratégias de luta dos movimentos sociais para o período analisado.

Lutas por e nos territórios: manifestações dos...
JOANA TEREZA VAZ DE MOURA ET AL.

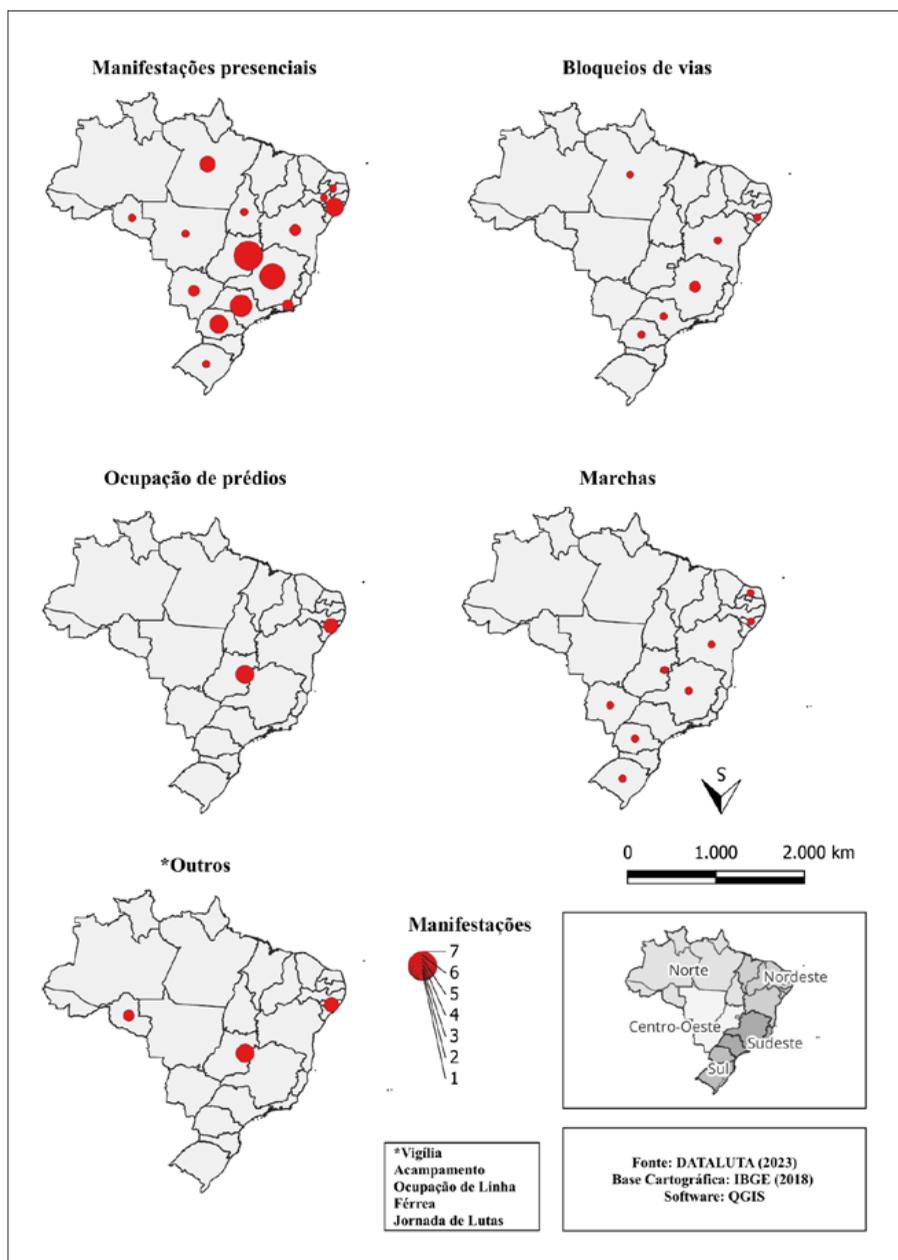


Figura 2. Brasil - Tipologia das manifestações do campo - número de manifestações - 2021. Fonte: Banco de Dados das Lutas por Espaços e Territórios DATALUTA (2023). Elaboração própria.

Dentre as manifestações presenciais, destacamos um protesto realizado em Brasília em frente ao Congresso Nacional e ao prédio do Ministério do Meio Ambiente (MMA) no Dia Mundial do Meio Ambiente, denunciando as atuações do Ministro Salles. Como parte da Jornada Internacional de Luta Anti-Imperialista, os movimentos lançaram um manifesto contra o avanço das grandes corporações sobre a natureza. Um trecho da nota diz o seguinte:

O poder destrutivo da atual etapa do capitalismo, em sua fase financeira, não tem precedentes. As empresas transnacionais aumentam sua capacidade de exploração dos bens comuns, avançando na exploração de minérios, no desmatamento, na apropriação privada da água, entre outras formas (Brasil de Fato, 2021a).

Lutas por e nos territórios: manifestações dos...
JOANA TEREZA VAZ DE MOURA ET AL.

Trata-se de articulações de movimentos para colocar na agenda pública o debate sobre as explorações da natureza no país. Esses protestos contaram com a participação do MST, Levante Popular da Juventude, Movimento Camponês Popular, Sempre Viva Organização Feminista, União Brasileira de Mulheres, dentre outros, que tinham como lema “Povo vivo, floresta em pé! Fora, Bolsonaro! Fora, Salles!”.

Algumas manifestações presenciais também aconteceram no Nordeste, especialmente em Alagoas, onde a juventude organizada do MST pautou o tema da exploração desenfreada da natureza por empresas capitalistas, com a anuência do Estado. Segundo a notícia, em uma ação contra a Braskem e como parte da 12ª Jornada da Juventude Sem Terra, os jovens rurais denunciaram a exploração de sal-gema, substância utilizada para a fabricação de soda cáustica e PVC, que “ameaça a vida de cerca de 40 mil pessoas em quatro bairros de Maceió, com afundamento de solo e tremores de terra” (Brasil de Fato, 2021b). Os jovens também distribuíram mudas de árvores frutíferas para a população que passava em frente à mineradora. Segundo um representante do coletivo de juventude do MST: “Estamos aqui para falar que esse projeto de mineração não serve ao povo de Maceió, só serve para alguns ricos. A juventude do MST continuará denunciando que a mineração destrói, que a mineração afunda” (Brasil de Fato, 2021b).

Os bloqueios de vias foram protagonizados pelo MST, principalmente no Sudeste e Nordeste do país. Destacamos o bloqueio de via realizado em Minas Gerais, no município de Governador Valadares, por mulheres do MST que reivindicavam a abertura imediata do hospital regional para atender pacientes com COVID-19. O hospital estava com as obras paralisadas desde 2015. Essa ação fez parte da ‘Jornada de Lutas’, e buscou denunciar o descaso do governo Bolsonaro com a pandemia do coronavírus. Mobilizando aspectos simbólicos de luta, as mulheres usaram máscaras faciais feitas com chita (tecido), lenços e roupas pretas (Estado de Minas, 2021). No Nordeste, foi registrado um bloqueio de via realizado por famílias do acampamento Marielle Franco, em Alagoas, que denunciavam a falta de acesso à água. Também mobilizando aspectos simbólicos, os manifestantes conduziam baldes vazios na cabeça como forma de protesto e estenderam uma faixa com os dizeres: “Prefeito Ceci Rocha, negar água ao povo é crime! Essa afetividade mata!” (Alagoas 24 Horas, 2021).

Com relação às marchas, podemos observar pelas notícias que elas aconteceram no Nordeste (03), no Centro-Oeste (02) e no Sudeste e Sul (01). Não tivemos registros de marchas no Norte do país.

No Nordeste, destacamos a marcha realizada em defesa do Rio Formoso, afluente do Rio São Francisco, e contra o projeto de Usina Hidrelétrica (UHE) Veredas. Várias famílias ribeirinhas participaram da marcha, articuladas pelo Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), denunciando que o projeto da empresa poderá destruir o rio, responsável por garantir a existência dos municípios e comunidades tradicionais, assim como impedir o sustento das famílias, colocando a vida e história do povo em risco (Bom Jesus da Lapa Notícias, 2021). Neste sentido, os movimentos socioterritoriais, como o MAB, disputam territórios que estão sendo ameaçados por megaprojetos.

Lutas por e nos territórios: manifestações dos...
JOANA TEREZA VAZ DE MOURA ET AL.

Em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, foi realizada uma passeata/marcha histórica denominada “Grito dos Excluídos⁴”, que, neste ano, homenageou os mortos pela COVID-19, contando com a participação de alguns movimentos do campo e da cidade, como o MST e a UNEGRO. A simbologia foi retratada no ato, que contou com velas, frutas e verduras sobre as bandeiras do Brasil e do MST. Segundo a representante da UNEGRO, “o ato simboliza todo o retrocesso da luta por comida na mesa, e a importância do MST para fomentar a agricultura familiar” (Campo Grande News, 2021).

As ocupações de prédios públicos tiveram registros em Brasília e Maceió. A ocupação do INCRA pelo MST buscou reivindicar a retomada de políticas de agricultura familiar e camponesa, especialmente cobrar providências contra falsas denúncias. Em nota, um dos dirigentes nacionais do MST pontua:

Foi uma mobilização de retomada de luta pela terra aqui no Distrito Federal, nunca paramos, mas viemos mostrar que queremos que destravem todas as políticas públicas que estão paralisadas, que vão desde a obtenção de incentivos para desenvolvimento produtivo até infraestrutura para os acampamentos e assentamentos em área federal. (Brasil de Fato, 2021d)

Em Maceió, a ocupação também aconteceu na sede do INCRA e em uma praça no centro da cidade, fazendo parte de uma ação conjunta entre o MST e o MTST. Os manifestantes lutavam a favor da reforma agrária e urbana e contra as privatizações.

Foram sistematizadas duas Jornadas de Luta, sendo uma no estado do Rio Grande do Sul (RS) e outra em todo o país, com a participação de brasileiros residentes no exterior. A Jornada do RS foi organizada pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAG), reunindo diversos sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais para se manifestar contra os cortes no orçamento da União. Estariam afetados o Plano Nacional de Reforma Agrária, Assistência Técnica, Política Ambiental, Cooperativismo e Política Nacional da Alimentação Escolar (PNAE). A presidente do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Teutônia afirma que “A agricultura familiar teria um corte de mais de 2 bilhões no ano exercício de 2021” (Folha Popular, 2021) e que isso refletiria nos consumidores com a falta de alimentos e alta nos preços. Esta jornada teve a denominação de Semana D de mobilização e culminou com uma moção para ser enviada aos senadores.

A Jornada Nacional Contra a Fome e Pela Democracia teve participação de 300 mil pessoas – incluindo brasileiros residentes no exterior – e ocorreu em 200 cidades brasileiras, segundo o Jornal Brasil de Fato (2021c). Estas manifestações ocorreram no dia 7 de setembro de 2021, juntando-se às atividades do Grito dos Excluídos e das Excluídas, que teve como lema anual “Vida em Primeiro Lugar”. Em cidades do interior também foi expressiva a participação, como observamos a seguir:

4. O Grito dos Excluídos e das Excluídas é uma ação (em forma de marcha, campanha de arrecadações, ato público, etc.) que se realiza em diversas cidades brasileiras em contraponto às comemorações oficiais ao dia da Independência do Brasil (07 de setembro). O Grito se realiza há 27 anos, com um lema diferente a cada ano e envolve diversos movimentos, sindicatos, partidos políticos progressistas, setores da igreja e outras organizações populares.

Lutas por e nos territórios: manifestações dos...
JOANA TEREZA VAZ DE MOURA ET AL.

No município de Picos, interior do Piauí, um ato ecumênico marcou a doação de mais de 8,5 toneladas de alimentos da agricultura camponesa, doados para famílias de 16 bairros da cidade. Em Campo Magro, na Região Metropolitana de Curitiba (PR), foi inaugurada uma padaria comunitária na ocupação da comunidade Nova Esperança, que promete fortalecer a produção de alimentos e gerar renda à população (Brasil de Fato, 2021c).

Em relação aos Acampamentos, eles ocorreram em Brasília (DF). Segundo o Correio Braziliense (2021), mais de duas mil pessoas acamparam contra os despejos durante a pandemia e para pedir vacina contra a COVID-19. Essa manifestação se denominou Acampamento Popular do DF e Entorno, Fora Bolsonaro e pelo Direito do Povo por Terra, Moradia e Liberdade. Mais de dez movimentos sociais e partidos políticos se somaram nesta ação, destacando-se o FNL, Movimento Bem Viver, MES/PSOL, Unidade Popular, PCB e CSP Conlutas.

Já o outro acampamento, com 700 estudantes de 54 universidades públicas e privadas de todo o país, ocorreu no espaço da Fundação Nacional das Artes (FUNARTE) com a realização do I Fórum Nacional de Educação Superior Indígena e Quilombola (FNESIQ). Foi organizado pelos estudantes indígenas e quilombolas, com o apoio de diversas organizações, dentre as quais se destacam: a APIB; CNAQ; MNU; UNE; CIMI; Fórum Nacional de Educação Escolar Indígena (FNEEI); Encontro Nacional dos Estudantes Quilombolas (ENEKI); e a Frente Parlamentar Mista em Defesa dos Direitos e Povos Indígenas.

O momento histórico foi destacado pelo secretário executivo do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Antônio Eduardo Cerqueira. “Os povos indígenas e os povos negros são a maioria da população brasileira, então imagine a perspectiva em que se constrói essa articulação entre os povos, imagine a perspectiva dessa luta. Só tem uma palavra: esperança. É o Brasil que está se levantando, é o Brasil que está lutando”, destacou Eduardo, durante a abertura do Fórum (CIMI, 2021b).

Encerrado o I FNESIQ em forma de acampamento e sob o slogan “Permanecer é Resistir”, os estudantes retornaram aos territórios e universidades com o compromisso de manter-se em luta permanente pelo direito à educação e com a promessa de organizar novas intervenções políticas e educacionais.

A *Vigília*, enquanto estratégia utilizada pelo MST há anos, aconteceu na cidade de Atalaia, na Zona da Mata de Alagoas, como um marco para lembrar o assassinato de lideranças dos movimentos de luta pela terra e seus casos que ainda seguem impunes. Utilizando aspectos simbólicos, os manifestantes celebraram com velas e cruzeiros e palavras de ordem buscando publicizar suas lutas e seus direitos para a sociedade.

Com relação à Ocupação de Prédio Privado, em uma ação parte da Jornada Nacional da Soberania Alimentar, o MST ocupou a sede da APROSOJA, em Brasília. Numa luta constante do movimento contra setores hegemônicos da agricultura brasileira, os manifestantes buscaram dar sentido às pautas defendidas pelos camponeses da soberania alimentar e da agroecologia. Destacamos que diversos movimentos socioterritoriais, como o MST, vêm tentando invocar a questão agrária desde uma perspectiva ecológica

Lutas por e nos territórios: manifestações dos...
JOANA TEREZA VAZ DE MOURA ET AL.

a partir das diversas resistências e sinalizando a necessidade de reconhecer e garantir a sobrevivência dos saberes populares. Conforme destaca McMichael (2016:92), “essa resistência à espoliação não se refere simplesmente à perda de controle sobre a terra, mas também à perda de conhecimento sobre cultivar a terra como uma necessidade reprodutiva” (McMichael, 2016:92).

Ao observar a espacialização das ações entre 2020 e 2021, foi perceptível que as manifestações presenciais compunham a estratégia dos movimentos socioterritoriais e socioespaciais, pois apresentaram um total de 14 ações no ano de 2020 e 42 em 2021, somando 56 momentos em que colocaram adiante a agenda de luta pela terra, instrumentalizando suas ações. Nota-se que a maioria destas manifestações aconteceu na região Centro-Oeste, por se tratar de um território de exploração capitalista da produção e base do agronegócio brasileiro, assim como pelas disputas políticas travadas no Distrito Federal, capital brasileira. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Frente Nacional de Luta (FNL) foram os movimentos que mais se articularam nesse período. Notamos ainda diversas atuações dos movimentos na pauta ambiental, configurando o que Svampa (2016) denominou de o “giro eco-territorial” de lutas.

Considerações finais

Os anos de 2020 e 2021 foram definidos para além da Pandemia de COVID-19, mas também por uma condução desastrosa do governo de Jair Messias Bolsonaro. Marcado por desmonte de políticas agrárias históricas, pela inanição de outras, pela permanência da violência no campo, além do aumento da desterritorialização de camponeses sem terra.

Apesar destes ataques, ocorreram diversas articulações desde os movimentos socioterritoriais, com ênfase ao MST e à FNL, destacando-se as manifestações presentes nos dois anos definidos neste recorte temporal, sobretudo aquelas que estavam no front dos conflitos, seja no Distrito Federal, centro das decisões do governo, ou em regiões marcadas pelos territórios do agronegócio. Demonstrando haver no Brasil uma questão agrária ainda não resolvida de base estrutural, e não conjuntural como define o paradigma do capitalismo agrário; as manifestações emergem como sintomas de problemas de ordem socioterritorial ignorados pelo Estado historicamente, mas agravados por uma condução neoliberal dos últimos 4 anos.

As manifestações estiveram presentes ora como disputa de território, ora como disputa de espaço, mas sempre como disputa de qual sociedade pretende-se, por compreender que o pior caminho refere-se à total ausência de políticas e do Estado. A solidariedade presente nas manifestações, dentre estas as distribuições de alimentos, demonstra a ausência de políticas que enfrentam o problema da fome e denunciam também a volta da insegurança alimentar no país.

Por fim, os movimentos socioterritoriais e socioespaciais tomaram para si a resistência em detrimento do avanço do conservadorismo aprofundado no país nos últimos 4 anos. E encontraram nas diversas estratégias de manifestações este caminho de resistência, seja nos acampamentos, nos bloqueios de vias, nas jornadas de lutas, nas vigílias, nas manifestações presenciais, nas marchas e nas diversas ocupações: de canteiros de obras, linhas férreas, prédios públicos ou privados.

Referências bibliográficas

- » Acosta, A. (2014). Extrativismo e neoextrativismo. Duas faces da mesma maldição. En G. Dilger, M. Lang, & J. Pereira Filho (Eds.), *Descolonizar o imaginário: Debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento* (pp. 87-102). São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo.
- » Brasileiros protestam contra Bolsonaro e Salles no Dia Mundial do Meio Ambiente (2021, 5 de junio). *Brasil de Fato*. <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/05/dia-mundial-do-meio-ambiente-teve-protestos-pelo-brasil-salles-e-o-principal-alvo>
- » Camponeses da Baixada maranhense prosseguem luta em defesa de suas terras (2020, 2 de abril). *A Nova Democracia*. <https://anovademocracia.com.br/noticias/13211-camponeses-da-baixada-maranhense-prosseguem-luta-em-defesa-de-suas-terras>
- » Campos, M. P. (2023). Política agrária e desdemocratização nos governos Temer e Bolsonaro. *Conhecer: Debate entre o público e o privado*, 13(3), 39-62.
- » Comunidades ribeirinhas do oeste da Bahia realizam ato em defesa do rio Rio Formoso (2021, 20 de diciembre). *Bom Jesus da Lapa Notícias*. <https://www.bomjesusdalapanoticias.com.br/regiao/comunidades-ribeirinhas-do-oeste-da-bahia-realizam-ato-em-defesa-do-rio-rio-formoso/>
- » COVID-19: Mulheres ocupam BR-116 e exigem a abertura do hospital regional (2021, 8 de marzo). *Estado de Minas*. https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/03/08/interna_gerais,1244352/covid-19-mulheres-ocupam-br-116-e-exigem-a-abertura-do-hospital-regional.shtml
- » CPT (2021). *Conflitos no Campo Brasil 2020*. Centro de Documentação Dom Tomás Balduino. Goiânia: CPT Nacional.
- » CPT (2022). *Conflitos no Campo Brasil 2021*. Centro de Documentação Dom Tomás Balduino. Goiânia: CPT Nacional.
- » DF: MST ocupa superintendência do INCRA para reivindicar políticas de agricultura. (2021, 29 de julio). *Brasil de Fato*. <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/29/df-mst-ocupa-superintendencia-do-incra-para-reivindicar-politicas-de-agricultura>
- » Em defesa da reforma agrária, trabalhadores rurais fazem caminhada no centro de Maceió (2020, 9 de septiembre). *G1*. <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2020/09/09/em-defesa-da-reforma-agraria-trabalhadores-rurais-fazem-caminhada-no-centro-de-maceio.ghtml>
- » Em protesto, sem-terra cobram apoio para retomada de desapropriações (2020, 2 de marzo). *Campo Grande News*. <https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/em-protesto-sem-terra-cobram-apoio-para-retomada-de-desapropriacoes>
- » Escobar, A. (2014). *Sentipensar con la tierra: Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia*. Medellín: Universidad Autónoma Latinoamericana UNAULA.
- » Estudantes indígenas e quilombolas mantêm mobilização permanente pelo direito à Educação (2021, 18 de noviembre). *CIMI*. <https://cimi.org.br/2021/11/estudantes-indigenas-e-quilombolas-mantem-mobilizacao-permanente-pelo-direito-a-educacao/>
- » Famílias de assentados bloqueiam trecho da BR -316, em Atalaia, por falta d'água (2021, 22 de febrero). *Alagoas 24 Horas*. <https://www.alagoas24horas.com>

Lutas por e nos territórios: manifestações dos...
JOANA TEREZA VAZ DE MOURA ET AL.

br/1343907/familias-de-assentados-bloqueiam-trecho-da-br-316-em-atalaia-por-falta-dagua/

- » Famílias do MST completam um mês de vigília contra despejos em Cascavel, Paraná (2020, 30 de enero). *Brasil de Fato*. <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/28/familias-do-mst-completam-um-mes-de-vigilia-contra-despejos-em-cascavel-parana/>
- » Fernandes, B. M. (2005). Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: Contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. *Revista NERA*, 8, 14-34.
- » Fernandes, B. M. (2013). *Construindo um estilo de pensamento na questão agrária: O debate paradigmático e o conhecimento geográfico*. Presidente Prudente: Unesp.
- » Fernandes, B. M. (2019). Land grabbing for agro-extractivism in the second neoliberal phase in Brazil. *Revista NERA*, 22(50), 208-238.
- » Fernandes, B. M. (2023). Socialterritorial movements. En D. Snow et al. (Eds.), *The Wiley Blackwell Encyclopedia of Social and Political Movements* (pp. 1-7). EUA: Wiley Blackwell.
- » Fernandes, B. M., & Sobreiro Filho, J. (2023). Teoria dos Movimentos Socioterritoriais e Socioespaciais. En E. Sposito & G. Claudino (Orgs.), *Teorias na Geografia - mundos possíveis* (pp. 335-363). Rio de Janeiro: Consequência Editora.
- » Fernandes, B. M., Cleps Junior, J., Sobreiro Filho, J., Leite, A. Z., & Sodré, R. B. (2020). A questão agrária no primeiro ano do governo Bolsonaro. *Boletim DATALUTA*, 13(145).
- » “Fora, Bolsonaro” e Grito dos Excluídos mobilizam 200 cidades contra a fome e pela democracia (2021, 7 de septiembre). *Brasil de Fato*. <https://www.brasildefato.com.br/2021/09/07/fora-bolsonaro-e-grito-dos-excluidos-mobilizam-200-cidades-contra-a-fome-e-pela-democracia>
- » “Grito dos Excluídos” reuniu mil manifestantes e terminou em culto ecumênico (2021, 7 de setembro). *Campo Grande News*. <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/grito-dos-excluidos-terminou-com-mil-manifestantes-em-culto-ecumenico>
- » Halvorsen, S., Fernandes, B. M., & Torres, F. V. (2021). Movimentos socioterritoriais em perspectiva comparada. *Revista NERA*, 52, 24–53.
- » Jasper, J. M. (1997). *The art of moral protest: Culture, biography, and creativity in social movements*. Chicago/London: The University of Chicago Press.
- » Juventude do MST denuncia mineradora responsável por um dos maiores crimes ambientais urbanos (2021, 14 de agosto). *Brasil de Fato*. <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/14/juventude-do-mst-denuncia-mineradora-responsavel-por-um-dos-maiores-crimes-ambientais-urbanos>
- » Mais de 2 mil pessoas acampam em Brasília contra despejos e para pedir vacina (2021, 13 de abril). *Correio Braziliense*. <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2021/07/4937249-mais-de-2-mil-pessoas-acampam-em-brasilia-contra-despejos-e-para-pedir-vacina.html>
- » Mckenzie-Mohr, S., & Lafrance, M. (2017). Narrative resistance in social work research and practice: Counter-storying in the pursuit of social justice. *Qualitative Social Work*, 16, 189–205.

Lutas por e nos territórios: manifestações dos...
JOANA TEREZA VAZ DE MOURA ET AL.

- » McMichael, P. (2016). *Regimes alimentares e questões agrárias* (S. Midori, Trad.). São Paulo; Porto Alegre: Unesp; UFRGS.
- » Medeiros, L.S. (2020). Movimentos sociais no governo Bolsonaro. *Revista da ANPEGE*, 16(29), 490–521.
- » Medeiros, L. S. (2022). Atores, conflitos e políticas públicas para o campo no Brasil contemporâneo. *Cadernos CRH*, 34, 01–16.
- » Moura, J.T.V. de, Almeida, F. F., & Martins, L. A. (2024). A radicalização do conservadorismo no campo: Uma análise das ações sofridas pelos movimentos socioterritoriais no Brasil (2020-2022). *Terra Livre*, 2(61), 604–638.
- » MST realiza protesto e interdita trecho da BR-116, em Governador Valadares (2020, 14 de agosto). *G1*. <https://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2020/08/14/mst-realiza-protesto-e-interdita-trecho-da-br-116-em-governador-valadares.ghtml>
- » Pequenos agricultores protestam no Piratini e denunciam descaso do governo Eduardo Leite com agricultura familiar (2020, 8 de maio). *Sul 21*. <https://www.sul21.com.br/areazero/2020/05/pequenos-agricultores-protestam-no-piratini-e-denunciam-descaso-do-governo-eduardo-leite-com-agricultura-familiar/>
- » Pereira, L. I. (2021). DATALUTA: Estrangeirização de terras: Avanços e desafios teóricos e metodológicos. *Campo-Território: Revista de Geografia Agrária*, 16(42), 68-85.
- » “Permanecer é Preciso”: Estudantes indígenas e quilombolas realizam o I Fórum de Educação Superior, em Brasília (2021, 6 de outubro). *CIMI*. <https://cimi.org.br/2021/10/permanecer-e-preciso-estudantes-indigenas-e-quilombolas-realizam-o-i-forum-de-educacao-superior-em-brasilia/>
- » Sem indenizações, produtores rurais protestam em frente a complexo da Vale no Pará (2020, 8 de fevereiro). *Brasil de Fato*. <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/08/sem-indenizacoes-produtores-rurais-protestam-em-frente-a-complexo-da-vale-no-para>
- » Sem-terra bloqueiam macroanel em protesto pela retomada da reforma agrária (2020, 7 de setembro). *Campo Grande News*. <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/sem-terra-bloqueiam-macroanel-em-protesto-pela-retomada-da-reforma-agraria>
- » Sindicatos de Trabalhadores Rurais se manifestam contra cortes no orçamento da União (2021, 23 de abril). *Folha Popular*. <https://folhapopular.info/index.php/2021/04/23/sindicatos-de-trabalhadores-rurais-se-manifestam-contracortes-no-orcamento-da-uniao/>
- » Svampa, M. (2016). Extrativismo, neoextrativismo e movimentos sociais: Um giro ecoterritorial rumo a novas alternativas? In G. Dilger, M. Lang, & J. Pereira Filho (Eds.), *Descolonizar o imaginário*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo.
- » Trabalhadores rurais fecham rodovias em Alagoas em defesa da reforma agrária (2020, 4 de setembro). *G1*. <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2020/09/04/trabalhadores-rurais-fecham-rodovias-em-alagoas-em-protesto-em-defesa-da-reforma-agraria-e-urbana.ghtml>
- » Trabalhadores rurais protestam por regularização de terras na zona da mata de PE (2020, 9 de novembro). *Brasil de Fato*. <https://www.brasildefato.com.br/2020/11/09/trabalhadores-rurais-protestam-por-regularizacao-de-terras-na-zona-da-mata-de-pe>

Lutas por e nos territórios: manifestações dos...

JOANA TEREZA VAZ DE MOURA ET AL.

Tereza Vaz de Moura / joanateresa@gmail.com

Graduado en Administración de Empresas,. Magister en Ciencias Sociales e Doctora en Ciencias Políticas. Profesor del Instituto de Políticas Públicas de la Universidad Federal de Rio Grande do Norte.

Rubens dos Santos Romao Souza / rubens.romao@unesp.br

Geógrafo y Licenciado en Geografía (Unesp); Especialista en Historia de las Revoluciones y de los Movimientos Sociales (UEM); Magíster en Geografía (Unesp). Profesor de educación básica pública en Brasília - Distrito Federal.

Fernando Freitas de Almeida / fernando.f.almeida@unesp.br

Licenciado en Geografía (UFSCar); Máster en Geografía (UFSCar); Estudiante de doctorado en geografía (UNESP).

Conceição Coutinho Melo / ceicao4@yahoo.com.br

Trabajadora Social (UECE); Especialista en Agricultura Familiar- Campesina y Educación del Campo (UFC); Magíster en Desarrollo Rural (UFRGS) y Doctoranda en Estudios Sociales Agrarios (Universidad Nacional de Córdoba-UNC). Analista en Reforma y Desarrollo Agrario del INCRA (Brasil).